

# *Pensado Através dos Meus Olhos*

2007

Galeria Trindade, Porto

Em *Pensado através dos meus olhos* não se trata de uma “inexorável busca de vazio” (Beckett) onde nada acontece, onde nada é representado, mas de uma apagamento da imagem por excesso. Tudo é nada. No limite, pinto a pintura e a sua medialidade. Abandonada qualquer narrativa, a plástica do médium manifesta-se. O material manifesta a sua materialidade e a da própria pintura como pintura.

O espectador perante a obra, consciente da sua exterioridade, pode criar métodos de leitura, aludir, insinuar, supor, porque a narrativa remete-se a um silêncio, uma solidão. Anuncia uma presença que não se cumpre em *texto* iconográfico, ficando no limite da significação.

A cor - realidade física e simbólica - torna-se matéria, por vezes, parecendo realçar e outras esconder, uma escrita que cresce não oferecendo uma orientação. O indizível diz-se de modo indizível.

António Fernando Silva

Galeria Trindade, Porto, Janeiro – Fevereiro 2007

Pensado Através dos Meus Olhos



"Inelutável modalidade do visível: pelo menos, se não ma pensado através dos meus olhos. Estou aqui para ler as assinatu de todas as coisas, ovas e sargaços, a maré que se aproxima, es bota corroída. Verderanho, azul de prata, ferrugem: sinais colorid Limites do diáfano. Mas acrescenta: nos corpos. Então é que tin consciência deles, corpos, antes deles, coloridos. Como? Baten com a cachimónia contra eles, é claro. Devagar. Calvo era el milionário, maestro di color che sanno. Limite do diáfano em. F quê em? Diáfano, adíafano. Se podes meter os cinco dedos atrav é um portão, se não é uma porta. Fecha os olhos e v

James Joyce in Uly

20Jan > 28Fev 2007 - Inauguração: Sábado 20Jan - 16h  
[segunda e sábado: 15h > 19h | terça a sexta: 11h > 13h + 14h > 19h]

***A arte é magia, liberta da mentira de ser verdade.***

*Th. W. Adorno in Minima Moralia*

*A percepção, ao contrário da impressão, lida com os objectos aptos a ser percebidos. Gere vários sentidos, três dimensões e deixa-se enganar.*

*A percepção visual dominada pelo iconismo das representações ignora frequentemente a percepção da matéria que dá corpo aos objectos representados. A procura dessa dimensão ultrapassa a percepção e só se alcança quando os sentidos, libertos do processamento funcional de significados, vazam as superfícies observadas, penetrando a alma para além dos corpos.*

*Só então, fica claro que a alma não é representável, apenas é. Não porque não seja matéria, mas antes porque é a própria substância de que se fazem os corpos.*

*Pôr, repor, apor camadas sucessivas de massa e cor, para poder raspar e assim mostrar, não é uma atitude de opacização, mas antes a representação do devir no tempo, imprescindível à posterior desocultação.*

*A desocultação na pintura pressupõe a capacidade de mostrar, quer a presença, quer a ausência do objecto representado. Da ausência do objecto nasce a capacidade háptica de ver. E, nessa capacidade, a ilusão perceptiva labora criativamente, guiada pela necessidade de se deixar enganar.*

*O respeito pelos objectos representados nos quadros e o pudor de descobrir as minudências do traço que desfazem o efeito global impõem a quem vê, para que seja possível fugir do suporte e devolver o objecto representado ao mundo, a necessidade de observar as telas de longe, semicerrando os olhos. As leis próximas para a pintura impõem a distância e a ausência de toque, como se perceber ficasse apenas ao alcance dos olhos, que, como se sabe, não vêem tudo o que há para ver.*

*Ora, quanto menos objectos representados, maior a proximidade exigida ao observador. Como se, armadilhado em opacidades, aqui e ali rasgadas por entradas possíveis, o quadro obrigasse o observador a olhá-lo de perto, de muito perto, violando o seu espaço de intimidade, numa tentativa de descobrir, tocando a pintura quase do seu lado de dentro, a radiografia colorida da alma.*

*Nesta exposição, a monocromia é, pois, uma ilusão que a distância constrói e a proximidade destrói. E quando o toque do olhar identifica a policromia, esta é finalmente o resultado das sucessivas arbitrariedades da pintura a que o pintor pôs termo para poder convidar o olhar a ver de perto, de dentro. Libertada de mostrar a verdade, a mentira passou a ser tudo o que a pasta cromática não mais quer ocultar.*

Adriana C. Baut

António Fernando Monteiro Pereira da Silva [Xai],  
10-1962 | Valboom - Gondomar



licenciatura em Artes Plásticas - Pintura pela ESBAP | 1991  
 viceiro da Fundação Calouste Gulbenkian | 1987/1991  
 estreado em História da Arte em Portugal (Escultura Contemporânea) pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto | 2002  
 professor requisitado para a Área de Artes e Ofícios da Escola Superior de Educação IPPORTO  
 antem atividade artística regular desde 1989  
 apresentado em várias coleções particulares  
 apresentado no Museu da Universidade de Santa Cecília dos Bandeirantes  
 apresentado na coleção do Banco Pinto & SottoMeyer  
 apresentado na coleção da Quinta da Boeira  
 apresentado na coleção de IES, Sistemas de Informática, Porto Alegre e é co-fundador do grupo 10afio

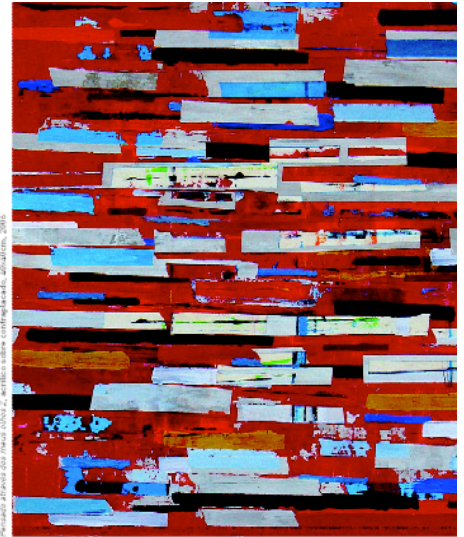
exposições (seleção):  
 "Sobre Papel", Colectiva, Casa de Cultura, Póvoa do Varzim | 1993  
 "Gesto Único", Colectiva, Cooperativa Gesto, Porto | 1994

"Colectiva", Espaço Picasso, La Corunha | 1994  
 "Retrato de Grupo", Colectiva, Espaço Capitólio, Porto | 1994  
 "Está tudo pendurado no Céu", exposição/intervenção do grupo Os Outros, Mosteiro de S.Bento da Vitéria/Arquivo distrital do Porto | 1998  
 "Pensamentos, Palavras e Actos", exposição/intervenção do grupo 10afio, Instituto Superior de Engenharia do Porto | 2000  
 "Pintado de Fresco", intervenção do grupo 10afio, Galeria Trindade | 2002  
 "Dif", intervenção do grupo 10afio, Galeria Trindade | 2003  
 "Still", Galeria Símbolo, Individual, Porto | 2004  
 "A Minha Revolução é Melhor do que a Tua", colectiva, Galeria Martins Miranda, Porto | 2004  
 "Tresler", Fonte das Letras, grupo 10afio, Montemor-o-Novo | 2004  
 "Auto-Hetero Retrato", colectiva, Galeria Trindade, Porto | 2004  
 "Colectiva", Galeria Símbolo, Porto | 2006  
 "Inelutável Modalidade do Visível", Galeria 153, Individual, Porto | 2008  
 "Percursos", exposição do grupo 10afio, Centro Cultural e de Congressos de Angra do Heroísmo | 2008  
 "Pensado Através dos Meus Olhos II", Individual, Galeria Trindade, Porto | 2007



Pensado através dos meus olhos I, acrílico sobre contraplacado, 40x122cm, 2006

01Jan > 28Feb 2007 - Inauguração: Sábado 20Jan - 16h  
 segunda-terça-feira: 16h - 18h | quarta-feira: 16h - 18h | 14h - 16h



Pensado através dos meus olhos II, acrílico sobre contraplacado, 100x120cm, 2006

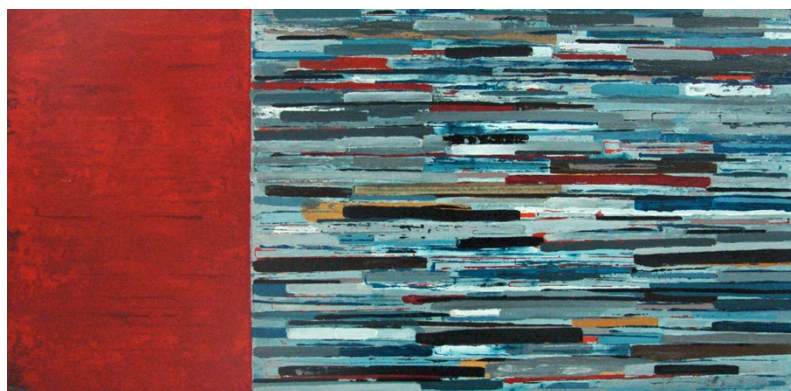
"Inelutável modalidade do visível: pelo menos, se não mais, pensado através. Estou aqui para ler as assinaturas de todas as coisas, ovas e sargaços, a maré e essa bota corrolida. Verderanho, azul de prata, ferrugem: sinais coloridos. Limite acrescenta: nos corpos. Então é que tinha consciência deles, corpos, antes deles, Batendo com a cachimónia contra eles, é claro. Devagar. Calvo era ele e milloio color che sanno. Limite do diáfano em. Por quê em? Diáfano, adifano. Se pode dedos através, é um portão, se não é uma porta. Fecha os olhos e vê."

Jam

## António Fernando Silva

Pensado Através dos Meus

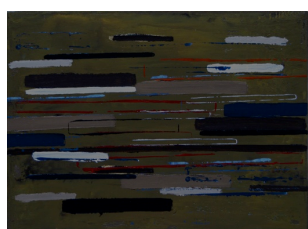




Pensando através dos meus olhos. Acrílico sobre tela. 50x100



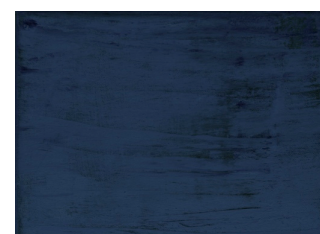
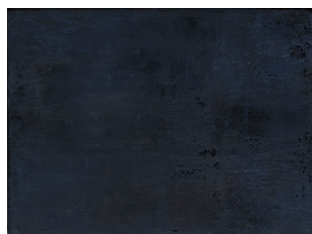
Pensando através dos meus olhos #6. Acrílico sobre mdf. 30x40



Pensado 21 e 22. Acrílico tela. 24x18



Pensado 24 e 27 Acrílico tela 24x18



Pensado 28 e 29 Acrílico tela 24x18